

LIDERANÇA

Empreendedora social

Sofia Moral, 20 anos, estudante de jornalismo da UnB, passou julho em Santos (SP) ao lado de pessoas de nove países, aprendendo a transformar comunidades. E volta a Brasília com um plano para os territórios do DF

» JOÃO PEDRO DE LARA RESENDE

Sofia Petrini Moral, 20 anos, estudante de jornalismo na Universidade de Brasília (UnB), recebeu da mãe, em junho, o link para um programa de formação em liderança social — um mês de imersão em Santos, no litoral paulista. A mensagem veio cheia de exclamações: “Hora que você tiver 5 minutos, com atenção, veja isso!” Sofia respondeu quase três horas depois: “Que legal.” Assistiu aos vídeos. Inscreveu-se. Não conhecia ninguém ligado à iniciativa. “As pessoas de São Paulo iam por indicação. Gente de outros países tinha amigos que participaram antes. Eu fui às cegas.”

O programa Guerreiros Sem Armas (GSA) existe desde 1999, e é realizado pelo Instituto Elos, organização criada em Santos por um grupo de arquitetos no início dos anos 2000. A imersão dura 28 dias. Segundo o Instituto, a metodologia foi levada a mais de 50 países e alcançou mais de 500 mil pessoas em quase mil comunidades. A cada julho, participantes de diferentes nacionalidades convivem no mesmo espaço de formação e atuam em territórios da Baixada Santista. Nesta edição, o GSA reuniu gente de nove países e de sete estados brasileiros — 40 participantes ao todo.

Sofia se inscreveu e entrou direto na imersão de julho, sem passar pelas etapas preparatórias. Três anos à frente de um projeto social em Brasília lhe deram, na prática, o que elas ensinam: mobilizar gente, organizar ações, improvisar. Ficou no grupo que atuou no Paquetá, bairro da região central de Santos. Quinze dos 28 dias foram dedicados ao território.

A praça central do bairro era um ponto de uso de drogas. O entulho de uma obra da prefeitura cobria o antigo parquinho — concreto, lixo, restos de material. Usuários queimavam coisas ali; a fumaça não cessava. O Canal 2,

Arquivo pessoal/Nicole Bartieli



um dos canais do porto, corria poluído ao lado. A quadra esportiva fora trancada pelo posto policial vizinho: em vez de cuidar do espaço, a solução foi fechar o cadeado. A rampa de acessibilidade estava coberta de fezes. Não havia luz.

Moradores contavam que ali, uma vez, houve um parquinho cheio de crianças. Sofia não teria acreditado. A dificuldade ia além do espaço físico. O Paquetá funciona como zona comercial — muita gente trabalha durante o dia e vai embora à noite. Os residentes dos cortiços, os que de fato moram no

bairro, não se reconheciam como uma comunidade. “Todo mundo queria sair dali. Para eles, não fazia sentido melhorar um lugar provisório”, conta.

Diante desse cenário, a abordagem do GSA propõe o caminho inverso: não chegar com projeto pronto. A metodologia se organiza em sete etapas, que começam pela observação e terminam na ação. O princípio é que a comunidade define o que quer. “Minha primeira impressão, quando cheguei, foi: ‘Aqui podia ter um grafite nessas paredes.’ E não era nada a ver. Não

era isso que eles queriam nem precisavam”, relata Sofia. Três anos antes, ela teria feito exatamente isso — chegado com a ideia pronta e executado. “Imagina se eu não tivesse feito todo esse processo. Teria pintado um grafite, daqui a alguns anos a tinta ia descascar, e não teria marcado nada.”

O mutirão

O que os moradores do Paquetá queriam era recuperar a praça e plantar hortas. Foram eles que definiram as prioridades. O mu-

tirão — o “milagre” na linguagem da metodologia Elos — durou três dias, na última semana de julho, e reuniu cerca de 80 pessoas, entre participantes e moradores. Ergueram hortas verticais e em caixotes, restauraram o parquinho com estruturas de madeira e plantaram um jardim onde havia entulho. No dia seguinte, uma ventania com alerta meteorológico fez o grupo temer que tudo tivesse sido destruído. Foram checar. Estava intacto.

Foi durante o mutirão que Sofia conheceu Bernardo Faustino, 13 anos — joga capoeira e futebol, e nunca tinha tido um pandeiro. Sofia havia levado o dela na mala e, entre um dia de trabalho e outro, sentou-se com o menino para ensinar o giro que faz o couro vibrar. Bernardo tentou quatro vezes. Na quinta, o som saiu. Disse que queria treinar em casa. “É caro. A gente não tem.” Sofia estendeu o instrumento. “Toma, é seu.” Abraçaram-se e choraram. Era a despedida — não se viram mais.

O que permaneceu no Paquetá não foi a obra. Vizinhos que antes queriam ir embora criaram um grupo no WhatsApp para cobrar a prefeitura e cuidar do que foi construído. “A gente vai embora. Quem fica com aquilo são eles. Por isso, eles é que têm que decidir”, diz Sofia. “Senão a tinta descasca e não fica nada.”

Nem tudo no Paquetá foi resolvido com metodologia. Como mulher atuando no território, Sofia precisou encontrar o equilíbrio entre a abertura que o processo exigia e os limites que a situação impunha. Houve contatos inadequados — pessoas que confundiram a proximidade do trabalho com interesse pessoal. “Faz parte. Você tem que se proteger sem deixar de se conectar genuinamente”, afirma. Conversou com os facilitadores, ajustou a postura e seguiu.

Entre os 40 participantes, uma amizade cruzou fronteiras. Aysha Siddiqua, de Bangladesh, integrante do movimento estudantil que ajudou a derrubar o governo